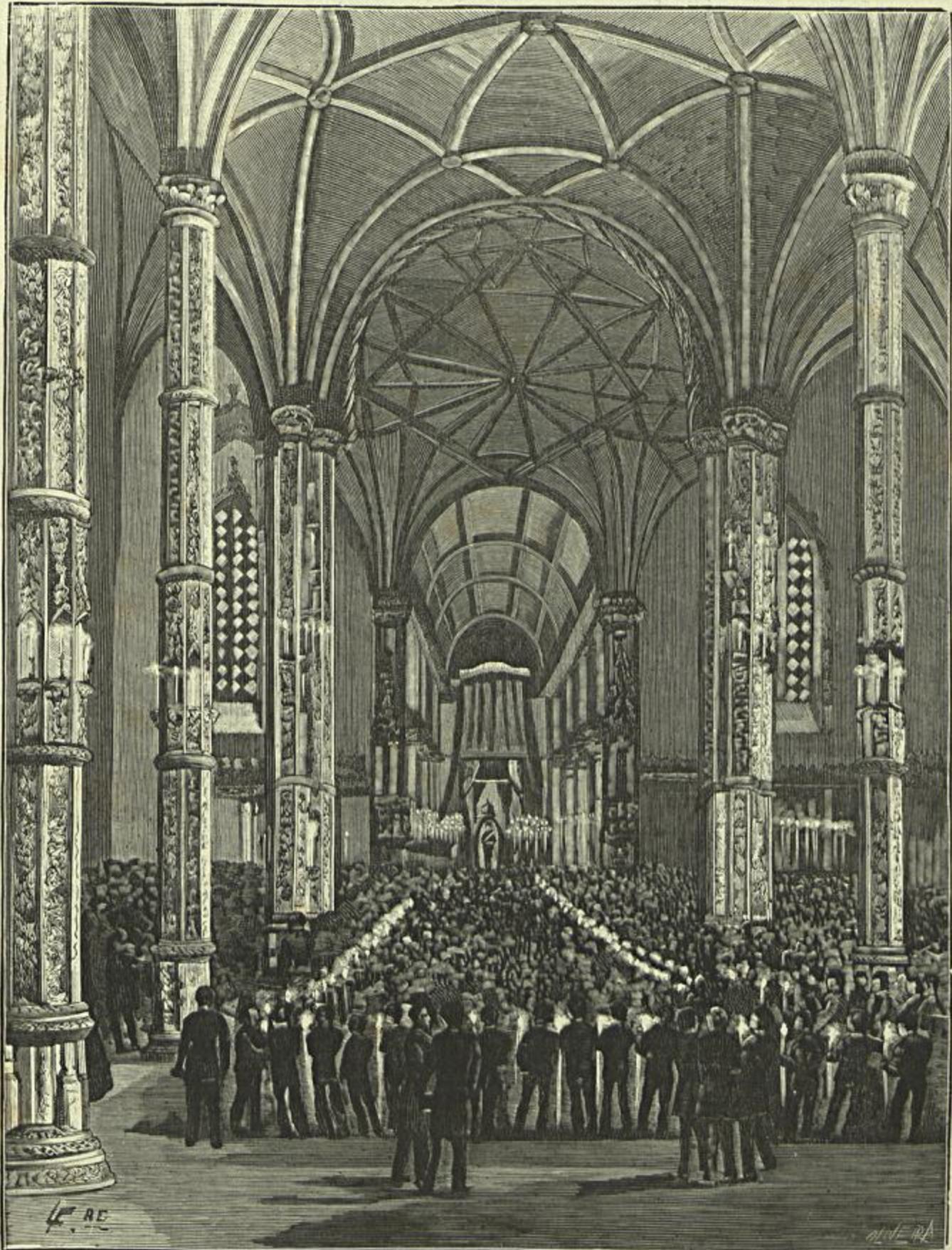
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XII ANNO | 1 DE NOVEMBRO DE 1889 | VOLUME XII N.º 391

FUNERAL DE SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I

A CAMARA ARDENTE NA EGREJA DOS JERONYMOS, ANTES DA SAHIDA DO FERETRO REAL (Desenho de L. Freire)

CHRONICA OCCIDENTAL

Dorme já em S. Vicente o seu ultimo somno, na crypta dos Bragançes, aquelle que foi em vida o rei D. Luiz I.

Os seus funeraes foram grandiosos, d'uma pompa verdadeiramente real, mas não foi esse brilho official que lhes deu a sua grande significação apotheotica, essa veio-lhe das lagrimas sinceras d'um povo inteiro que acompanharam ao tumulo o cadaver do Rei.

E é pouco vulgar nos cortejos reaes esse acompanhamento, que só por si é a synthese historica dos seus reinados.

Para saber o que foi o reinado de D. Luiz, para saber o que foi na vida esse homem, como homem e como rei, bastava percorrer as ruas por onde o enterro passava, e ver as lagrimas que brilhavam em muitos olhos, quando passava escondida sob uma montanha de flores, a urna que encerrava os restos mortaes do infeliz monarcha.

Essas lagrimas valem muito mais de que todas as sentenças da critica historica, de que todas as phrases mais brilhantes da rhetorica funebre, de que todos os vôos mais altos da eloquencia panegyrica; essas lagrimas só por si constituem a apotheose do Rei e do homem.

Não descrevemos aqui os funeraes de El-Rei D. Luiz: o OCCIDENTE hoje occupa-se largamente d'esses funeraes, e mais adiante os nossos leitores encontrarão d'elles a descripção minuciosa, servindo de texto ás gravuras que se referem a todas essas cerimonias tristes e desoladoras, que durante o espaço d'uma semana occuparam todas as attenções de Lisboa.

Acompanhando um grande retrato do Rei, que na nossa ultima chronica annunciamos e que hoje damos em supplemento, os leitores encontrarão tambem um brilhantissimo artigo de Pinheiro Chagas, o grande escriptor e o grande orador, que foi ministro do rei fallecido e que foi sempre um dos seus mais dedicados e leaes amigos.

E, a proposito de Pinheiro Chagas, a nossa *chronica*, toda occupada no nosso ultimo numero, pelo fatal acontecimento que enlutou o paiz inteiro, não poude registar, como era seu dever e prazer, o enorme successo alcançado pelo eminente orador, em Paris, esse enorme successo que foi fallado e elogiado em todos os jornaes parisienses e que deu um novo brilho e esplendor ao nome portuguez.

O successo alcançado por Pinheiro Chagas em Paris, por um brinde eloquentissimo pronunciado n'um jantar onde estavam muitos homens illustres da França, do Brazil e de Portugal, brinde que o OCCIDENTE deu traduzido no seu ultimo numero, não foi um d'esses successos que satisfazem apenas o legitimo orgulho d'um homem, foi d'esses successos que orgulham uma nação.

O nome de Portugal não tinha sido ainda pronunciado n'esse banquete, e depois de Pinheiro Chagas fallar, depois do successo colossal do seu brilhantissimo brinde, não se fallou mais senão em Portugal, e o *paiz que produz homens d'estes*, como principiou o seu brinde a Portugal uma das mais notaveis illustrações da França.

A eloquencia extraordinaria de Pinheiro Chagas, o seu formosissimo e prestigioso talento triumpham em toda a parte.

Em Madrid tivemos nós o prazer de assistir aos successos enormes do grande orador portuguez, successos coroados pela colossal ovação que Chagas recebeu no banquete offerecido pela imprensa hespanhola á imprensa portugueza, no theatro da Zarzuela, ovação tanto mais significativa quanto Chagas tivera que fallar depois de fallar Moret que, como sabem, é um dos primeiros oradores de Hespanha, para muitos mesmo o primeiro, pois o consideram superior a Castelar.

Quando em Lisboa houve ha annos o congresso litterario, nós que fizemos parte d'esse congresso e assistimos a todas as suas sessões, tivemos occasião de assistir ao effeito extraordinario de espanto e de admiração que produziu nos escriptores francezes, que estavam em Lisboa, um discurso em francez pronunciado por Pinheiro Chagas, n'uma das sessões do congresso na Escola Polytechnica.

Luiz Ulbach, que presidia a esse congresso, Julio Lermina, Alphonse Pagès, Mario Proth, e todos elles estavam como que estupefactos, assombrados de verem de repente surgir em Lisboa um orador tão extraordinario, fallando no francez mais correcto, mais litterario, tirando d'essa lingua que não era sua, os effeitos mais maravilhosos de eloquencia e de oratoria.

E esse discurso foi publicado na integra nos Boletins da Associação Internacional de Litteratura, e foi enviado em extractos, pelos escriptores francezes, para os seus jornaes e dando na integra trechos, que apontavam, que sublinhavam, como verdadeiras obras primas.

Agora em França, em França onde é tão difficil dar nas vistas, onde é tão difficil fazer-se successo, tornar-se notavel, Pinheiro Chagas vae, falla, e attrahe logo todas as attenções e põe-se em evidencia gloriosa, o seu brinde é fallado em todos os jornaes de Paris como um verdadeiro acontecimento da grande cidade, e o talento, e a gloria do illustre portuguez, recebe da capital do mundo a chancella de celebridade.

Nós, como portuguezes, como confrades, e como amigos de Pinheiro Chagas, congratulamo-nos por esse extraordinario triumpho e registramol-o aqui cheios de verdadeira alegria e de santo e legitimo orgulho.

Tencionavamos consagrar hoje esta *chronica* a dois livros novos de escriptores illustres, dois livros que já ha dias temos sobre a banca, e de que agradecemos penhoradissimos aos seus distinctos auctores a fineza e amabilidade do offerecimento, o *Bastardo*, romance de Julio Lourenço Pinto, o eminente e festejado romancista da *Margarida*, do *Senhor deputado*, e da *Vida attribulada*, e a *Senhora Duqueza*, estudo historico de Luciano Cordeiro, o talentoso e indefeso trabalhador, cujo nome illustre é tão conhecido e respeitado no mundo das lettras.

Infelizmente, porém, apesar de todas as nossas boas tenções, temos que addiar a noticia d'esses dois livros, ambos tão interessantes e notaveis, apesar de ambos tão differentes, porque ha um assumpto innadiavel que se impõe hoje á nossa *chronica* de Lisboa, a abertura do theatro de S. Carlos.

E impõe-se tanto mais quanto o romance do sr. Lourenço Pinto e o livro do sr. Luciano Cordeiro, podem esperar, porque o seu exito é grande e duradouro e temos a certeza de os encontrarmos ainda em pleno successo, emquanto que não podemos dizer o mesmo nem temos a mesma certeza das duas operas que tem dado o theatro de S. Carlos, e que é muito provavel não cheguem até a outra *chronica*.

Vamos portanto fallar de S. Carlos.

Como dissémos em tempo, a empreza do theatro de S. Carlos ficou a cargo d'uma sociedade constituida pelos credores da viuva do sr. Campos Valdez, sendo a direcção artistica confiada ao illustre maestro Augusto Machado, que pelo seu notavel talento musical e pela sua incontestavel competencia no assumpto, estava naturalmente indicado para esse difficilimo e arduo cargo.

Agora tem-se levantado em alguns jornaes duvidas ácêrca da legalidade e do direito com que os credores do sr. Campos Valdez succederam na administração do theatro, que lhe fôra concedida, a elle Valdez, por cinco annos, semanas antes da sua morte: não estudámos o assumpto, nem entramos hoje n'essa discussão: o que é certo é que de facto os credores de Valdez estão administrando o theatro, e que se o direito d'elles a essa administração pode ser discutido, a auctoridade e a competencia artistica de Augusto Machado para dirigir o thetro lyrico é, na nossa opinião, indiscutivel.

A nova empreza encontrou já alguns artistas escripturados pelo fallecido Campos Valdez para esta epoca, como as sr.as Eva Tetrazini, Pasqua, e os srs. Broghi e Boruchia e evidentemente essas escripturas não lhe foram um embaraço, porquanto todos elles são artistas, uns distinctissimos e de grande nomeada no mundo lyrico, e consagrados pelo publico de Lisboa, e outros de menos nomeada tem sido muito bem acceites por esse publico.

O theatro abriu no dia 28 com o *Mephistopheles*, e deu no dia 30 a *Favorita*.

Nenhuma d'estas duas operas teve d'esses desempenhos excepcionalmente bons ou excepcionalmente maus que dão muito que fallar de si; passaram sem despertar grandes enthusiasmos nem provocar grandes demonstrações de desagrado.

N'estas duas operas, já muito conhecidas do publico e que evidentemente não vamos fallar aqui, apresentaram-se 5 artistas novos, sr.a Nadina Bulicioff, a sr.a Mattiussi, a sr.a Gazull, o sr. Aramburo e o sr. Ercolani e 4 artistas já nossos conhecidos, a sr.a Pasqua, e os srs. Broghi e Mangini-Colletti e Boruchia.

A sr.a Nadina Bulicioff, a prima-donna que debutou na parte de Margarida-Helena, do *Mephistopheles* de Boito, é uma cantora russa, como o seu appellido o indica, e que possue uma das mais formosas vozes de soprano dramatico, que temos ouvido em S. Carlos.

Pela belleza do timbre, a voz da sr.a Bulicioff faz lembrar a voz de uma sua compatriota que teve extraordinario sucsesso em Lisboa, a sr.a De Reszké; é volumosa e extensa a sua voz, d'uma afinação rigorosa e d'uma grande egualdade em todos os registos.

Sem ser uma formosura a sr.a Nadina Bulicioff é uma loura interessante, gentil, sympathica e que conquistou desde o primeiro momento o seu publico.

Canta bem, e no quarteto das gargalhadas fez valer brilhantemente a belleza extraordinaria das suas notas agudas.

Esse quarteto que teve um explendido desempenho agradou muito e foi bisado.

Na *Nenia*, do quarto acto a sr.a Bulicioff não fez o effeito que se esperava e que d'ella tirava a Erminia Borghi-Mamo, porque a sr.a Bulicioff não tem um grande sentimento dramatico, se o tivesse, com a sua esplendida voz, seria uma celebridade artistica; mas no dueto final d'esse acto disse algumas phrases supinamente e teve numerosos applausos.

Na parte de Helena, a sr.a Bulicioff foi applaudida, apesar do seu trabalho não ter o alto valor artistico do trabalho dramatico da Theodorini, que n'este acto era assombrosa de talento e de colorido.

Como não podia deixar de ser, com os varios predicados que tem a sr.a Bulicioff, agradou muito ao publico.

A sr.a Mattiussi, uma comprimaria nova que fez a parte de Martha-Pontalis, houve-se muito correctamente em toda a opera, e pareceu-nos uma artista muito distincta.

A outra comprimaria nova, a sr.a Gazull, essa é a *rara avis* das comprimarias e ha muito tempo que não apparece occupando aquelle logar em S. Carlos uma artista tão distincta.

É nova, bonita, elegante, apresenta-se muito bem, tem uma voz muito agradavel e o publico foi injusto não a applaudindo no papel de confidente, na *Favorita*.

O publico não applaude em S. Carlos senão os primeiros artistas, e os comprimarios troça-os e pateia-os muitas vezes, mas não os applaude nunca.

Não sabemos bem porque é isto.

Do mesmo modo que um segundo artista é pateado quando faz mal o seu papel secundario, deve ser applaudido quando faz bem esse papel, e a sr.a Gazull na *Favorita* fel-o excellentemente.

Dos cantores novos a apreciação não é muito facil.

O sr. Ercolani, o 1.º baixo que se estreiou no *Mephistopheles*, pareceu-nos um artista distincto, dotado de excellente voz: entretanto o papel de protogonista da opera de Boito não dá logar a um artista manifestar-se muito e ao publico conhecel-o bem, senão quando esse artista é muito superior, como aconteceu ao baixo francez Lorrain que ha annos se estreiou n'esta opera, alcançando logo grande successo.

Do tenor Aramburo ainda a apreciação é mais difficil, porque na *Favorita* tão depressa nos pareceu muito bom como nos pareceu muito mau, tão depressa deslumbrou o publico até ao enthusiasmo, como lhe desagradou até á pateada.

Uma nullidade não é elle, com certeza, porque não se dizem phrases como elle disse sem se ser um grande artista, mas o que é com certeza é o artista mais desigual que temos visto em S. Carlos.

A sua voz é extensa, poderosa, e d'um grande volume. É um tenor de força no genero de Tamagno, e crêmos que na *Aida*, no *Propheta*, no *Poliuto* hade agradar muito mais que na *Favorita*, porque n'ellas pode fazer valer todos os seus raros recursos de energia e de pujança de voz.

Dos artistas já nossos conhecidos pouco ha que dizer: Pasqua conserva a sua grande intuição artistica e teve uma ovação na *Favorita*, que é uma das suas corôas: o sr. Borghi é o mesmo artista consumado, tendo apenas por defeito o ser um tenor-baritono: o sr. Boruchia é o mesmo artista discreto e apreciavel, o sr. Mangini-Colletti é um barytono que se ouve sem enthusiasmo e tambem sem desagrado.

Com estes artistas e com os outros que estão escripturados, mas já nossos gloriosos conhecidos da epoca passada, como a Van Zandt e a Tetrazini, outros novos como a Signorina Cosi, e o baritono Menotti de quem nos dizem maravilhas, a empreza pode e deve fazer uma boa epoca.

Que assim seja!

Gervasio Lobato.

D. LUIZ I

I

Não é facil n'este momento, e principalmente a quem lida na imprensa quotidiana, encontrar ainda umas novas formulas para prestar devida homenagem ao soberano que falleceu. A sua longa agonia por tal fórma captivou a attenção e as preoccupações do publico, e dos jornalistas, que todos os dias, por assim dizer, se rodeiava com as manifestações de estima e de respeito mais cordiaes e mais sinceras aquelle nobre vulto que a pouco e pouco se ía affastando da vida. Como que todos quizeram, senão alliviar-lhe os soffrimentos, porque aos seus ouvidos não chegava nem um echo do que ía cá por fóra, mas ao menos levar uma consolação áquelles que o tratavam e o rodeiavam, e muito principalmente á sua santa e dedicada esposa, á heroica enfermeira que lhe consagrou todas as horas da sua existencia, que se conservou com elle na sua camara mortuaria, e que lhe minorou com os carinhos e com a presença as horas angustiosas da sua agonia. Assim entre um côro de louvores e de affectos desceu á campa o monarcha, que teve na vida a apotheose que habitualmente espera a hora extrema para transformar o tumulo em altar.

Repetir agora o que então acudio ás pennas de todos os que tiveram de escrever dia a dia nos jornaes as chronicas dolorosas d'essa agonia era um pleonasmo inutil. Pôr em relevo a consagração definitiva que o povo deu a essa attitude da imprensa, quando se apinhou, respeitoso e commovido, na nave imponente dos Jeronymos para prestar uma ultima homenagem ao regio cadaver, seria escusado tambem, porque não esqueceram os chronistas quotidianos essa nota impressionadora e nobilissima. Mais alta homenagem podemos prestar ao soberano, mostrando na breve narrativa da vida do soberano como era justa a homenagem, e como eram merecidos os louvores. Os epitaphios mais pomposos empallidecem perante a narrativa singela dos factos. Assim o comprehendeu a Grecia, que soube sempre encontrar na simplicidade o segredo das grandes bellezas artisticas e litterarias. Um Oriental não encontraria hyperboles bastantes para louvar dignamente um sacrificio como o que fizeram á sua patria no desfiladeiro das Thermopylas os Spartanos de Leonidas. A Grecia limitou-se a gravar no campo da batalha a singela inscripção. «Vai, transeunte, dizer a Sparta, que aqui morremos para defender as suas leis.» O epitaphio de Luiz I podia tambem ter esta singeleza sublime. «Aqui jaz um soberano portuguez, que não quiz a coróa senão para manter a independencia da sua patria, que não empunhou o sceptro senão para manter a liberdade do seu paiz.» A biographia que se segue não é mais do que o commentario explicativo da singela inscripção, a mais honrosa que se póde gravar no tumulo de um rei de Portugal, n'estes modernos tempos.

II

El-Rei D. Luiz I, segundo filho da rainha D. Maria II e de D. Fernando de Saxe-Coburgo Gotha, nasceu em Lisboa a 31 de outubro de 1838. Foi seu padrinho Luiz Philippe, rei dos Francezes, que fôra apresentado em 1830 ao povo parisiense pelo general Lafayette como sendo a melhor das republicas. E foi realmente modelo dos reis liberaes, e o homem a cuja influencia salutar mais deveu a França. E esta uma profunda verdade historica, que as paixões politicas adulteraram, mas que se affirmou de um modo incontestavel, quando se póde vêr quaes foram os fructos dos regimens subsequentes.

Não estava destinado ao throno D. Luiz, mas a sua educação foi esmeradissima, como a de todos os filhos de D. Maria II, e essa educação ainda se acrisolou com o trato da vida, quando, envergando a farda de official de marinha, principiou a navegar, e a affrontar como os seus camaradas, os perigos e os tormentos do Occeano. D. Maria II seguiu n'isso o exemplo do padrinho de seu filho. Lembrou-se de certo que esse costume excellente de fazer dos principes não simples officiaes honorarios, mas officiaes a valer, deu aos filhos de Luiz Philippe um prestigio e uma força inexcediveis. Foi assim que o principe de Joinville adquirio na marinha franceza com o bombardeamento de Tanger e de S. João de Ulloa, uma authoridade incontestavel e que o duque d'Aumale obteve no exercito de Africa a estima e o respeito de todos. Não nos estavam reservadas a nós as façanhas com que podiam distinguir-se os principes francezes. O infante D. Luiz, commandando a *Bartholomeu Dias* ou o *Pedro Nunes*, não teria de dictar com os seus canhões a paz a Marrocos ou ao Mexico, era absolutamente improvavel que o infante D. João, commandando o seu regimento de lanceiros, tivesse que tomar a *smala* d'Abd-el-Kader, mas bastou simplesmente que D. Luiz partilhasse os trabalhos dos officiaes de mar, que se não limitasse a fazer da sua corveta um *yacht* de recreio, e fosse com ella a Angola, bastou que o moço infante D. João se interessasse seriamente pela disciplina e pela instrucção do seu regimento de cavallaria para que um e outro alcançassem um prestigio de que se encontram vestigios notaveis na tradição honrosa que o infante D. João deixou na sua arma, o affecto especialissimo que a armada portugueza consagrou a D. Luiz, para que bem se visse quanto era sensato o procedimento da rainha.

Mas não foi só isso. A vida de official, desprendida das etiquetas palacianas, deu ao infante D. Luiz um conhecimento pratico dos homens e das coisas, que sempre aproveitou muito ao rei D. Luiz I. Com que saudade porém elle deixou o seu navio, quando a inesperada morte de seu irmão D. Pedro V lhe fez trocar o seu banco de quarto pelo throno dos reis, e o obrigou a espreitar não os horisontes do Occeano, mas os horisontes politicos, onde é bem mais difficil descobrir os pontos negros que annunciam tempestade!

Pinheiro Chagas.

O FUNERAL DE SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I

EM CASCAES

Para que a chronica do triste acontecimento que temos aqui a narrar seja tão completa quanto possivel aos limites d'esta publicação, principiaremos por descrever o sahimento do feretro real de Cascaes, procurando sermos breve, não nos alongando em promenores de menor importancia, de *reportage*, como agora se diz, e que servem unicamente para encher papel e levar a confusão aos espiritos que se lhes entregam innocentemente.

Tinham-se propalado muitos erros com respeito a varias mutilações feitas no corpo de El-rei, nos ultimos dias da sua vida, para obstar aos rapidos estragos que a gangrena fazia no corpo do regio enfermo, e essas noticias publicadas sem criterio, confrangiam o povo e atterravam-o delorosamente, fazendo acreditar que os ultimos momentos de D. Luiz eram um martyrologio inaudito.

Mas logo que foram passadas vinte e quatro horas sobre a morte de El-Rei, e se procedeu aos primeiros trabalhos de embalsamamento, desmentiram-se as noticias divulgadas, porque Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, concedeu que entrassem na camara real os *reporters*, que n'aquelle momento se achavam em Cascaes, e elles poderam então vêr que o corpo de D. Luiz estava intacto e que a expressão serena do seu rosto não revelava as torturas de uma morte tão horrivelmente descripta nos noticiarios da imprensa diaria.

O embalsamamento fez-se em parte nas condicções ordinarias; o corpo vestiu-se com o uniforme de generalissimo e sobre o peito foram collocadas as commendas e Grã-cruzes das tres ordens militares portuguezas, collar da Annunciada e da Torre e Espada, commenda de Hohenzollern, medalha da Expedição de Angola, medalha de ouro de bons serviços e comportamento exemplar, e assim foi encerrado em uma urna de pau-santo, forrada de setim vermelho, tendo a tampa de crystal e em volta argolas e encrustrações de prata em lavores.

A operação do embalsamamento, feita em presença de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, que a ella quiz assistir, encorajada pela dôr que a dominava, começou ao meio dia de 21 de outubro e concluio pela noite, pouco antes do corpo ser conduzido para a camara ardente na egreja dos Jeronymos.

Foi pelas dez horas e meia d'aquella mesma noite que o funebre cortejo sahiu da cidadella de Cascaes em direcção a Belem.

A noite estava escura e invernosa, sem luar que aclarasse as densas trevas d'aquellas horas de angustia.

A' sahida formavam alas os empregados da casa real, com tochas acesas; uma força militar abria alas ao cortejo e a musica tocava uma marcha funebre.

A urna funeraria foi conduzida por entre as alas até á porta da cidadella.

Aos lados da urna caminhavam os ministros. Seguia a urna Sua Magestade a Rainha coberta dos crepes da viuvez e Sua Alteza o Infante D. Affonso. Camaristas e damas do paço, titulares, officiaes do exercito etc., completavam o triste cortejo.

A' porta da cidadella formou-se o prestito pela seguinte fórma:

Um esquadrão de lanceiros abría a marcha, a que se seguiam uns quinze trens conduzindo os officiaes de infanteria e caçadores que pediram para se encorporarem no sahimento, o ministerio e a côrte. Depois seguia se a carroagem de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia. Seis batedores com brandões acesos precediam o coche puchado a quatro parelhas, que conduzia o corpo de El-Rei. Outros creados a pé, com tochas ladeavam o feretro, e na rectaguarda mais seis criados a cavallo com brandões seguiam o coche,

Aos lados do feretro real iam a cavallo os srs. Infante D. Affonso, ajudantes, duque de Loulé e coronel Vito Moreira. Seguiam se os officiaes de cavallaria e de artilheria, que tinham pedido licença para acompanhar o cortejo, e um esquadrão de lanceiros com a banda tocando uma marcha funebre, fechava o prestito.

Era longo o trajecto a precorrer, cerca de vinte kilometros, em estrada real, e nas povoações que atravessou, o povo formava alas, concorrendo muitas familias das localidades a formarem essas alas com tochas acesas.

Era um espectaculo commovedor o que se observava, e as lagrimas precipitavam-se expontaneamente dos olhos, na presensa de tão grande manifestação de dôr.

O silencio e a escuridão da noite augmentavam ainda a tristeza d'aquelle funebre cortejo da ultima jornada.

EM BELEM

Eram quatro horas da madrugada quando o feretro chegou á egreja dos Jeronymos.

O aspecto que então apresentava o magestoso templo Manuelino era da mais severa imponencia repassado de lugubre tristeza.

A luz dos brandões acesos perdia-se na gigantesca altura d'aquellas arrojadas abobadas, e apenas conseguia ferir os rendilhados de pedra, a menos de um terço de altura das formosas columnas das naves.

Na capella-mór estava armada a eça com docel. Por sobre o altar pendia um rico espaldar de damasco roxo com aplicações de brocado de ouro; em volta da capella revestiam as paredes até meia altura, pannos de veludo listrados de galões de ouro.

Profusas luzes em candelabros cercavam a eça e ao longo da egreja, até fazer angulo com a porta lateral do templo, formavam alas os officiaes do exercito, empregados da casa real e alumnos da Casa Pia empunhando tochas acesas.

Por entre as alas passou o feretro condusido pelos criados da casa real e ladeado por todas as pessoas que formavam o prestito, a depol-o sobre a eça.

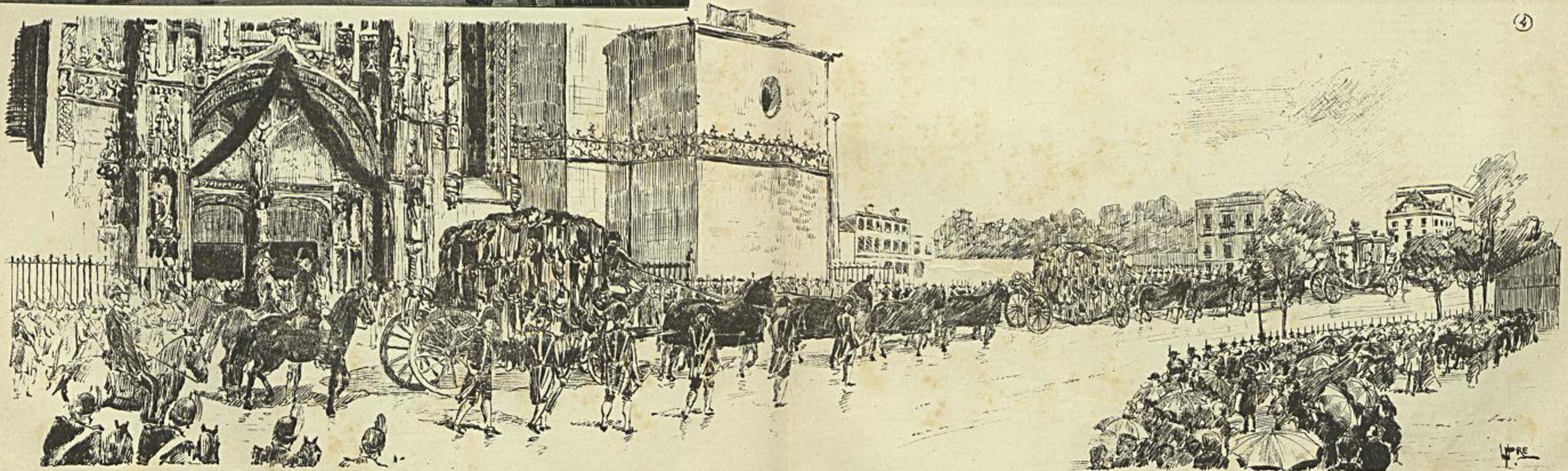
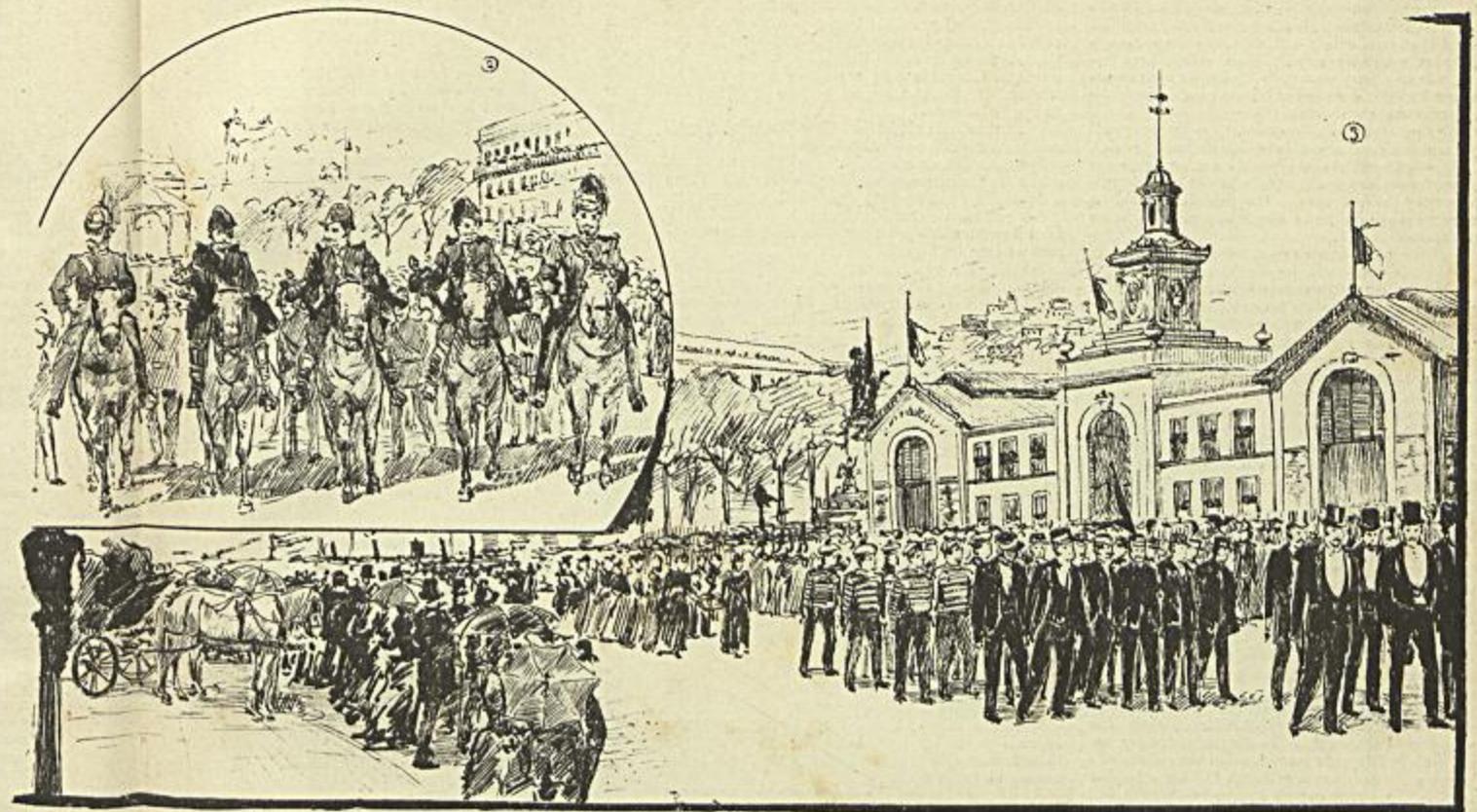
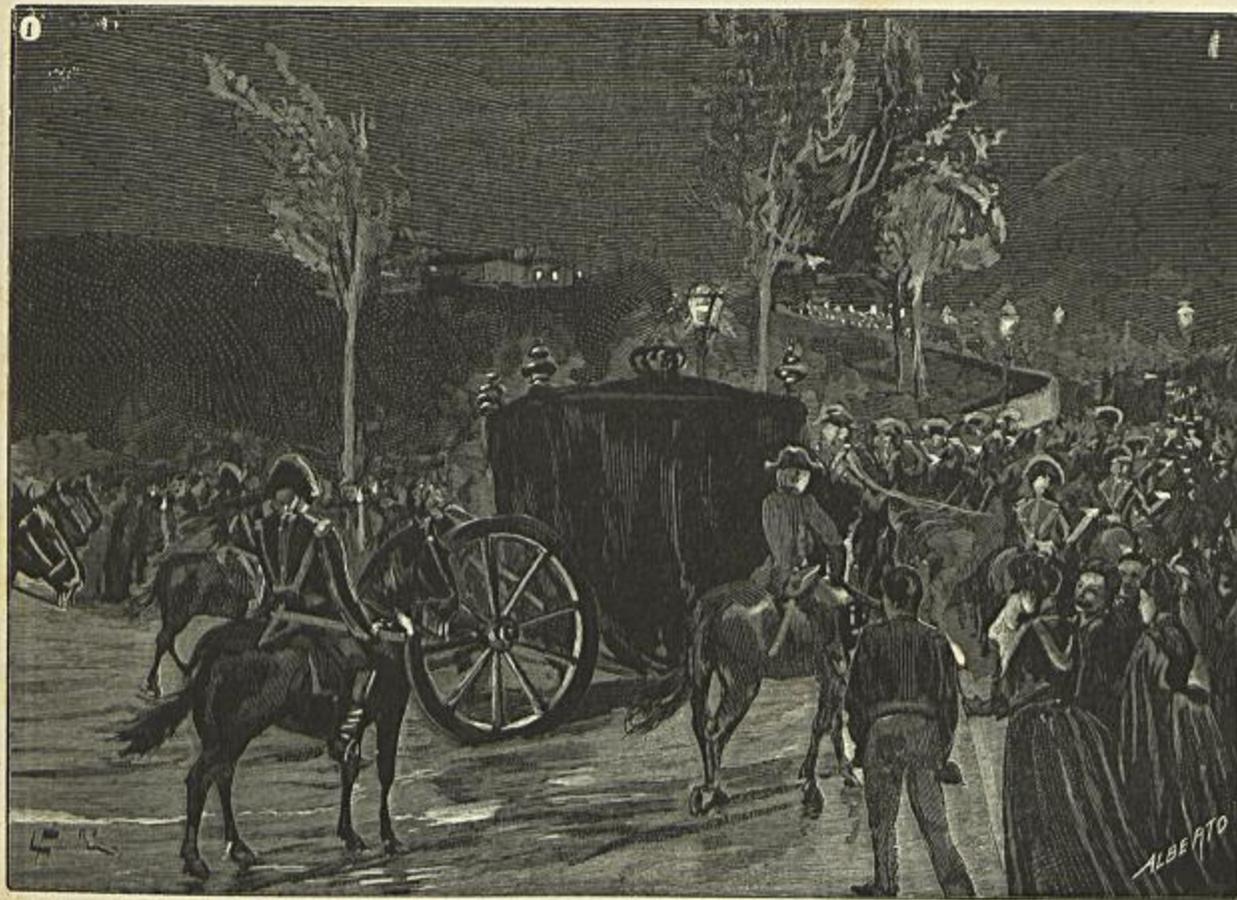
Sua Magestade a Rainha e o Sr. infante D. Affonso acompanharam o feretro até á eça, assim como El-Rei D. Carlos, que aguardava na capella mór com os seus ajudantes e camaristas a chegada do corpo de seu augusto pae ao templo, vindo recebel-o á entrada, e mais a sua augusta mãe ao apear da carroagem que a conduzia.

Foi uma scena enternecedora esta recepção, em que a Rainha viuva se abraçou e seu filho como que para repartir com elle a dôr que a affligia.

Esta scena foi presenciada por todos que formavam o cortejo e pela grande multidão que, áquella hora aguardava no largo dos Jeronymos a chegada do prestito funebre.

Depois de depositado o feretro sobre a eça e de resadas as orações da egreja officiadas por Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, que se achava no templo esperando o feretro real, retirou-se El-Rei e sua augusta mãe, o sr. infante D. Affonso e parte das pessoas que tinham acompanhado o prestito, ficando a vellar o corpo o mordomo-mór, alguns membros da Casa Militar de El-Rei e os officiaes do exercito, que solicitaram essa honra, revezando-se de duas em duas horas.

O corpo conservou-se na camara ardente dos Jeronymos até sabbado 26 de Outubro de manhã, e durante os quarto dias que mediaram foram rezadas muitas missas de corpo presente, assistindo a algumas d'ellas Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, que alli foi quotidianamente duas e tres vezes por dia, e Sua Alteza o Infante D. Affonso, que velou muitas horas junto do cadaver de seu augusto pae.

FUNERAL DE SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I

1. Conducção do feretro real de Cascaes para a egreja dos Jeronymos, em a noite de 21 para 22 de outubro. — 2. A vanguarda de porteiros da canna. — 3. As corporações a pé, desfilando na rua 24 de Julho. — 4. A sahida do prestito funebre da egreja dos Jeronymos, 26 de outubro de 1889.

(Aguarella e desenhos de L. Freire)

A concorrencia de visitantes durante os dias da exposição do feretro foi extraordinaria, manifestando-se em todos o maior interesse em vêr pela ultima vez o seu monarcha fallecido, e então faziam-se os commentarios mais absurdos, pondo muitos em duvida que alli estivesse o gentil Rei que todos conheciam em vida, tão minguado o achavam n'aquelle esquife. Não se lembrava porem o bom povo que o rei fallecera de uma doença que ha bons dois annos o minava, difinhando-o lentamente até á morte.

Effectivamente o aspecto que o cadaver real apresentava no meio d'aquelle grandioso templo, e na posição obliqua em que fôra mister collocar a urna funeraria para que podesse ser visto do publico tudo influia para o amesquinhar. D'ahi os commentarios do povo dominado pela primeira impressão.

DE BELEM PARA S. VICENTE

O dia 26 de outubro foi o destinado para o funeral ou conducção do feretro da egreja dos Jeronymos para o pantheon real de S. Vicente.

O tempo conservou-se variavel como estivera durante toda a semana, e de espaço a espaço cahiam ligeiros aguaceiros, rompendo depois um sol abrazador, como é o de pouca dura.

Pelas 9 horas da manhã principiaram a chegar ao largo dos Jeronymos os primeiros trens conduzindo as pessoas que deviam formar o prestito. Algumas corporações chegavam ás imediações do templo e formavam em alas esperando para se encorporarem no sahimento. Outras esperavam o cortejo em varios pontos do trajecto, para o acompanhar.

Esta resolução fôra tomada por algumas corporações em vista do mau estado do caminho e de irem a pé, o que era dificil porque a lama tornava o caminho intransitavel para peões.

Desde os Jeronymos até á Junqueira formava alas a guarnição militar de Lisboa, incluindo a guarda municipal, e mais tres corpos da provincia, os de caçadores n.os 1 e 6 e o de infanteria n.º 11 que vieram á capital para esse fim.

Pelas 10 horas chegou ao templo dos Jeronymos Sua Magestade El-Rei D. Carlos, n'um dos coches de D. Pedro II, assim denominados por terem sido feitos tres por occasião do casamento d'este monarcha com a princeza D. Maria Sophia Izabel de Neuburgo em 20 de agosto de 1687.

Aguardavam a chegada de El-Rei os fidalgos, diplomatas e ministros extrangeiros, ministerio, officiaes superiores e funccionarios publicos, deputações do corpo cathedratico da Universidade de Coimbra, da Escola Medica, da Academia Real das Sciencias e da de Bellas Artes, da Camara dos Pares e da dos Deputados, da camara municipal de Lisboa e outros municipios do paiz incluindo o da cidade do Porto, da imprensa e de muitas outras corporações particulares e publicas impossivel de innumerar sem alongarmos demasiadamente esta chronica.

Logo que El-Rei chegou resaram-se as encommendações.

A urna funenaria já estava coberta por um panno de veludo preto com uma cruz ao meio, de brocado de prata As corôas, em numero superior a duzentas, que tinham sido depositadas junto da eça foram retiradas d'ali e collocadas no coche que havia de conduzir o cadaver e em outro destinado para o mesmo fim, ficando ambos completamente cobertos por ellas que se sobrepunham umas sobre as outras.

Estas corôas foram offerecidas por Suas Magestades a Rainha D. Maria Pia, El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia, Infante D. Affonso e Infanta D. Antonia, rainha Victoria, imperador da Allemanha, rei da Suecia, princeza Clementina, rainha de Hespanha, condes de Paris, Casa Militar de El-Rei e empregados da casa real, de varios municipios, e corporações de Portugal de Brazil, impossivel de innumerar no espaço de que dispomos.

Foi pelas dez horas e meia que o cadaver real foi conduzido ao coche e o prestito principiou a desfilar.

Na frente do prestito ia um esquadrão da guarda municipal, a que se seguia uma fila de carroagens em numero approximado de quatrocentas. Depois seguiam-se tres porteiros da cana acompanhados por dois soldados de cavallaria da guarda municipal. Após ia a banda dos bombeiros entestando as corporações dos bombeiros voluntarios de Lisboa, do Porto, da Ajuda, de Belem, dos Olivaes, de Almada e de Setubal.

A fanfarra de Cascaes, acendedores da Companhia Gaz de Lisboa, associações dos carteiros, dos cozinheiros, de Antonio Augusto de Aguiar, Lusitana, Musical de Lisboa, empregados da Penitenciaria, operarios da Empresa Industrial Portugueza, dos fabricantes de tabaco, da Regie, Companhia Real dos Caminhos de Ferro de Norte e Leste, tripulação dos barcos de recreio de El-Rei. Real Academia de Amadores de Musica, alumnos da Escola Normal, da Escola Polytechnica, da Universidade, do Lyceu, do Instituto Agricola, da escola das Necessidades e da de Mafra e muitas outras, Asyladas de Santa Catharina, do collegio das Irmãs de Caridade e de mais outras instituições, formando tudo um extenso cortejo de alguns milhares de pessoas.

Precedendo os coches da Casa Real vinham seis criados a cavallo com as suas librés multicores.

Estes coches, os mais ricos que hoje existem nas côrtes da Europa, são verdadeiros primores d'arte e constituem um aparato riquissimo e imponente.

No primeiro coche, denominado de *D. João V* ía a comitiva dos principes estrangeiros que vieram assistir ao funera.l

No seguudo os veadores de Suas Magestades as Rainhas. Este coche era o de D. *Marianna Victoria*, erradamente denominado de *D. Manuel*, pois que no tempo d'este monarcha ainda não haviam coches em Portugal e só vieram com Fillipe II quando veio a Lisboa, em 1581.

No terceiro coche denominado de *D. José I*, feito em 1750, os veadores de Sua Magestade El-Rei.

No quarto coche de *D. Marianna d'Autria*, o mordomo-mór, o mestre sala e o reposteiro-mór.

No quinto, de *D. Affonso VI*, os embaixadores da França, da Turquia e do Japão que representavam especialmente os chefes dos seus paizes.

No sexto coche de *D. Fernando*, o Infante D. Affonso e o principe de Hohenzollern.

No setimo, o capellão da Casa Real.

No oitavo dois officiaes levando a espada e o capacete do defuncto monarcha.

No nono o tabellião da Casa Real conduzindo a corôa.

No decimo Sua Magestade El-Rei com os duques de Aosta e de Montpensier.

Seguia-se então o coche de respeito coberto de corôas e o que conduzia o cadaver real, tambem coberto de corôas, como já dissemos.

O effeito d'estes dois ultimos coches encarado sobre o ponto de vista do collorido, era deslumbrante, mas este aspecto tirava-lhe a nota funebre ou luctuosa do acto.

As forças militares que formavam alas seguiram o prestito á maneira que este proseguia a sua marcha, e as musicas tocavam marchas funebres cujos tristes echos apenas alcançavam a rectaguarda do cortejo tão comprido elle era.

O povo accumulava-se compacto ao longo de todo o caminho, e recolhido assistia á passagem do funebre cortejo, que só proximo das 4 horas da tarde chegou ao pantheon Real.

EM S. VICENTE

Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia acompanhada pela sra. duqueza de Aosta e suas damas, aguardava na tribuna real de S. Vicente, desde o meio dia, a chegada do feretro.

As pessoas que vinham no cortejo foram tomando os respectivos logares á maneira que entravam no templo, e quando chegou o corpo do fallecido monarcha, já o cabido, á frente do qual estava Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, o esperava no cruzeiro da egreja.

A' porta estava a irmandade da Mizericordia com a collegiada para receber o corpo e rezar as encommendações, sendo o feretro deposto sobre a primeira eça ao pé do guarda vento.

Alli o veio buscar o cabido que fez as suas encommendações, depondo a urna na segunda eça levantada á entrada do cruzeiro.

D'esta eça foi depois conduzido para outra na capella-mór, e então principiou a missa de corpo presente pelo deão sr. D. João de Napoles lendo Sua Eminencia o evangelho.

A musica da missa, foi de Mozart e finda esta cantaram se os officios de David Peres e o *Liberamé* de Gazul.

O interior do templo de S. Vicente estava ricamente armado e com arte que disfarçava o desgracioso da sua architectura, aproveitando bem as estatuas que se vêem na capella-mor, e que sobresahiam vantajosamente sobre o fundo das armações que encobriam o orgão.

Nas tribunas que se armaram no cruzeiro assistiram ás cerimonias religiosas todo o corpo diplomatico e enviados extraordinarios das potencias, os conselheiros de estado e altos dignitarios da côrte, as deputações das camaras legislativas e dos estabelecimentos scientificos, e todas as mais corporações e seus delegados occupavam logares que lhe tinham sido especialmente reservados.

Quando as ceremonias religiosas concluiram eram 5 horas da tarde, fazendo o sr. Patriarcha uma breve allocução em que pedia para o defuncto monarcha todas as orações e sufragios dos fieis christãos.

Foi então conduzido o corpo para o pantheon real onde ficou depositado no logar em que estava a urna contendo o corpo de D. Pedro V, antecessor do monarcha fallecido.

O pantheon é uma casa de aboboda que fica por detraz da capella-mor da egreja, e que foi destinada para este fim por El-Rei D. Fernando II, quando regente durant a menoridade de D. Pedro V.

D. Fernando mandou apropriar esta casa para jazigo real e n'ella se acham quasi todos os principes de Bragança desde D. João IV.

Acompanharam o corpo o cabido com sua collegiada, Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, El-Rei e o infante D. Affonso, ajudantes, ministerio e o mordomo-mór, lavrando-se em seguida o termo de entrega do corpo, sob juramento do mordomo-mór de que era o de Sua Magestade El-Rei D. Luiz, e d'este termo, feito em duplicado, fica um na torre do Tombo e outro no ministerio do Reino.

Sua Magestade a Rainha assistiu até esta ultima ceremonia com uma coragem só egual á sua dôr, dizendo ali o ultimo adeus ao esposo que a morte lhe arrebatara tão prematuramente.

Quando o feretro foi depositado no real jazigo as forças militares, que acompanharam o fallecido Rei, deram as descargas do estylo a que correspondiam as salvas nas embarcações de guerra e fortalezas.

Estava tudo consumado e celebrada a ultima solemnidade de um reinado de 28 annos, fecundo para o paiz e que deixa boa memoria de um monarcha querido.

C. Alberto.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVIII

O Regedor olhou para o grupo e a agua transformara tanto o seu cabo, lavando-o, desfigurara tanto o major pegando-lhe o cabello á cara, muito escorridinho, como quando se sae d'um banho, que de longe não conheceu nenhum dos dois.

Aproximou-se curioso, como quem se aproxima d'umas aves raras, receoso, como quem não conhece as manhas d'um animal, e soltou uma exclamação ao reconhecer os dois enxarcados.

—Oh! O sr. major! disse elle descobrindo-se respeitoso.

E voltando-se para o seu cabo, ordenou-lhe, com voz desabrida, secco:

—Jacintho, largue o sr. major.

—Mas senhor Tavares...

—Largue o sr. major, já *lê* disse.

O Jacintho reconhecendo então todas as amarguras que continha o cargo de cabo de policia, encolheu os hombros resignado, e largou o major Rodrigues, com bastante pena do seu coração.

O major ao sentir-se solto das garras do cabo sacudiu-se como uma gallinha quando apanha chuva, e agradeceu com certo orgulho, como quem toma o favor feito como uma homenagem a que tinha direito.

—Obrigado sr. Tavares.

—Não tem de que, senhor major, ora essa!

—Não sabia que vocemece é que era o regedor.

—Saiba vossa *shoria* que sim, sou regidor ha mais de dois annos, respondeu o sr. Tavares, e voltando-se para o Jacintho que molhado, humilhado, desconsolado e perfilado esperava ordens, disse-lhe:

—Você não conhecia o sr. major?

—Conhecia sim senhor, respondeu o Jacintho.

—Oh! se conhecia! confirmou rugindo o major.

—O sr. major *inté* é meu freguez.

—E' não, era, era, teimou o major vingativo como um Deus pagão, agora, nicles.

—Então você conhecia o senhor major, e prendeu-o? perguntou reprehensivo o regedor.

—E' que apitaram sobre elle, explicou o cabo.

—Deixal-o apitar, elle não é seu freguez? Um freguez está acima de todos os apitos, disse sentenciosamente o regedor Tavares.

— Muito bem, muito bem, seu Tavares. applaudiu o major radiante com aquellas theorias.

—Eu pensava que quando havia apitos . .

—Não tinha nada que pensar, uma auctoridade subalterna nunca pensa. Va se embora.

O cabo vexado e triste afastou-se, e quando tinha já dado uns passos voltou a traz, e perguntou humildemente ao major.

—Então vossa *shoria* sempre quer que lhe arranje as meias solas.

—Não quero, não me mecha nas solas, prohibo-lhe que me mecha nas solas, gritou temivel o major.

—Eu pensava ter cumprido com o meu dever, desculpou-se o cabo, humilde já como um rafeiro, quem não sabe é como quem não vê.

—Pois visse: prohibo-lhe que me toque nas meias solas: logo lá lh'as mando buscar, tornou o major inflexivel·

—Perdoar é das almas grandes senhor major, disse-lhe entervendo o regedor deixe lá o homem botar as meias solas.

O major hesitou ainda um bocado, mas depois. como se a graça divina o tocasse, decidiu-se

—Está bem, bote lá as meias solas, e agradeça aqui ao sr. Regedor, pois é graças á sua intervenção quasi milagrosa que deve o não perder o freguez

O cabo Jacintho agradeceu muito commovido e foi para casa seccar-se.

—Bom, sr. Tavares, disse o major, o sr. deseja alguma cousa de mim, agora...

—Não senhor, essa é boa, sr. major, desejo a sua saude e que me dê sempre as suas *ordes*.

—O senhor é aqui visinho, não é?

—Sim senhor, tenho essa honra e tenho uma mercearia ali no principio da calçada do Monte.

—Ah! tem uma mercearia aqui no sitio?

—Sim senhor, ali mesmo, no principio da calçada, a dois passos da sua casa.

—Eu gasto do Manteigas, disse o major.

—Sim senhor, eu bem sabia, que o sr. é freguez do Manteigas, elle não serve mal.

—Não, não me dou mal com elle.

—Eu tenho lá muitos freguezes que eram d'elle e que tem passado para mim: pelos modos os generos que elle lá tem não são de primeira qualidade.

—Eu não desgosto...

—Elle compra o rebotalho, anda sempre á pesca dos leilões dos salvados de mercearia na Alfandega, e depois impinge os generos avariados por bons.

—Ah! sim? Pois eu pensava que elle era um bom homem, um homem serio.

—E' bom homem, é, lá isso é, mas quando póde mette a unha no peso...E' o defeito da casa e de que se queixam todos os freguezes que tem lá ido para a minha loja.

—Elle agora tem lá uma manteiga muito boa.

—Melhor da que eu lá tenho é que não é com certeza, n'um barril que eu abri hontem é coisa papa fina: não é manteiga, é queijo!

—Não gosto, não gosto de queijo.

—Não é queijo, é manteiga. Ora se vossa *shoria* me da licença senhor major eu mando-le logo lá uma amostra para provar.

—E a como é?

—E' a um pinto o *arrate*.

—Então é o mesmo preço que a do Manteigas.

—Não senhor, é mais barata.

—E' mais barata?

—Sim senhor.

—Essa agora! Então a d'elle é a pinto, a de você é a pinto tambem, como demonio é mais barato?

—E' porque elle no *arrate* tira le uma quarta e eu não tiro nada, ponho a mais. Se vossa *shoria* me dá licença eu mando-le cá uma amostrinha.

—Pois sim mande.

—E *assucres?* Assucres tenho lá um para chá que é jaspe.

—O Manteigas tambem tem muito bom assucar.

—Sim senhor, mas sabe como são *arrefinados* esses *assucres*.

—Como todos.

—Não senhor, são com ossos de gente viva!

—Com ossos de gente viva? Isso póde lá ser!

—Sim senhor, é como le digo; com ossos de gente viva já morta.

—Ora adeus!

—São refinados nos moinhos dos Terremotos; e os ossos vão todos do cemiterio dos Prazeres que são mais baratos que os ossos dos bichos.

—E os seus onde são refinados?

—Os meus são outra coisa: vem do estrangeiro: são japes. E vossa *shoria* verá, eu mando-le tambem umas amostrinhas, tenho para chá e café uns mais baratos outros mais caros, para todos os preços. E o senhor prove e depois dirá-me se sabem ao mesmo que os do Manteigas.

—Os do Manteigas não sabem mal.

—Pois sim, mas reparando bem verá que sabem a gente.

—Pois então mande as amostras.

—E massas? Vossa *shoria* tambem gasta massas?

—Gasto.

—Então mando-le tambem umas amostrinhas de massas.

—Bom, cheguei a casa, disse o major parando á sua porta, pois este dialogo passara-se todo durante o caminho do lugar do banho de chuva até á porta do major, andando muito de vagar, parando a cada passo.

—Então com sua licença...

—Quer descançar?

—Muito obrigado, eu vou indo para a minha loja.

—O que? vae já abrir? Ainda é noite fechada!

—Eu abro muito cedo, d'aqui a nada é dia e entretanto vou com o meu socego preparando-le as amostras.

—Bom, então adeus e muito obrigado.

—Não tem de que, eu cá le mando as amostrinhas.

O major entrou na escada fechou a porta e começou a subir.

Ia já nos primeiros degraus quando sentiu bater á porta e ouviu uma voz dizer mansinho, chamando:

—Senhor major! Ó senhor major.

—Reconheceu logo a voz do regedor.

—Mau! resmungou o major Rodrigues, tornando a descer os degraus que já subira e voltando atraz a abrir a porta.

—Queira desculpar senhor major.

—O que é?

—O senhor usa mantas?

—Mantas? Não, ando sempre á militar.

—Não são d'essas mantas.

—Então que mantas são?

—Mantas de toucinho:

—Uso! Uso!

—Então mando le tambem uma amostrinha. Hontem foi me lá um porco que salvo seja é quase do tamanho de vossa *shoria*.

—Pois mande uma!

—Muito bem.

O major ía a fechar a porta.

—Salgado ou fresco? perguntou o regedor agarrando-se á porta.

—Salgado, ou fresco, como quizer... respondeu o major já de muito mau humor.

—E banha? quer que le mande tambem banha?

—Sim, mande.

—Muito boa noite.

—Boa noite.

E fechando a porta derigiu-se de novo para a escada.

Ia ja no primeiro patamar. «Truz! Truz!»

—Irra! que já é massada! exclamou o major continuando a subir, resolvido a não fazer caso.

Mas as pancadas repetiam-se com mais força.

—Mau! não tenho remedio senão ir lá abaixo; é capaz de accordar outra vez toda a visinhança.

E com muito mau humor tornou a descer a escada e a abrir a porta da rua.

Era outra vez o regedor.

—E batatas? perguntou-lhe elle.

—Vá para o diabo que o carregue! gritou o major perdendo a cabeça.

—Perdão! sr. major! tornou logo n'outro tom, com uma gravidade seria o Tavares, veja com quem falla e como falla, eu sou uma auctoridade e acabo de le fazer um favor livrando o da prisão

O major cahiu em si, e comprehendendo que se excedera, e que devia a liberdade áquelle homem, respondeu manso, como um cordeiro.

—E batatas tambem! mande tambem batatas!

(Continúa).

Gervasio Lobato

REVISTA POLITICA

Os resultados finaes das eleições, no continente dão a maioria ao governo, uma maioria um tanto inferior á que o absolveu de todas as culpas na camara passada, mas que lhe permittirá atravessar a legislatura que se aproxima, se fôr tão benevola e complascente como a sua antecessora.

Tudo leva a crêr isso porque os elementos parlamentares são os mesmos com insignificantes differenças, e o rebanho docil e confiante lá está para fazer ouvidos de mercador a todos os argumentos que não sejam votar o que o governo quizer.

Poderá o sr. Arroyo, triumphante, expluir em indignação contra o governo, que a todo o transe o não queria deixar entrar no parlamento; o sr. Ferreira d'Almeida, victorioso, levantar bem alto a sua voz para mostrar a quanto leva a paixão politica dos partidos, querendo-o expulsar do parlamento aquelles mesmos que ainda ha pouco lhe chamavam seu correligionario e amigo, que todas estas fraquezas do governo serão absolvidas senão louvadas pelo seu docil rebanho, tal qual como ainda ha dias implicitamente lhes chamava uma folha governamental quando se referia aos deputados menos disciplinados ou obedientes que não convinham voltassem á camara.

No entanto não é facil lêr no proximo futuro, apezar da maioria que o governo obteve, maioria nomerica muito limitada para um governo, e que apenas mostra o quanto a opposição está dividida, deixando viver o governo á custa d'essa divisão.

Os resultados numericos das eleições são eloquentes; o governo não chegou a ter metade da votação total, e alguns dos seus candidatos só poderam alcançar as minorias incluindo um ministro.

Quando uma votação se pronuncia assim sobre uma situação desmembrada, é difficil resistir-lhe, embora se trate de suster com novas escoras que não é facil encontrar sufficientemente resistentes.

Diz-se que o governo trata de se completar recrutando novos ministros para as pastas que estão vagas. Entre os nomes que se apontam para remendar pela terceira vez o gabinete, citam-se os dos srs. Antonio Ennes e Oliveira Martins, exactamente dois nomes que o governo pôz de quarentena desde que estes deputados incorreram no seu desagrado pela desobediencia de não votarem os quatrocentos e quarenta e nove contos da divida mança, a Leixoada e todos os outros encargos de consciencia que fizeram vacilar alguns deputados mais puritanos.

Esta circumstancia faz perder todos os vizos de verdade a tal boato, e nós só vendo e crendo como S. Thomé.

E se estes nomes não tem probabilidades de entrar na nova recomposição, que outros haverá que tenham o prestigio d'estes para valerem ao governo.

O sr. Marianno de Carvalho tambem declarou em pleno parlamento que não voltava a ser ministro, e, portanto, parece-nos que não revogará o seu proposito, pelo menos n'um periodo tão proximo.

De um lado ao outro do paiz corre a voz de que —Rei Novo politica nova, e assim não sabemos se o novo monarcha dará o seu consentimento a uma terceira recomposição ministerial, ou se se limitará a conservar assim o governo até poder governar ou demittir-se.

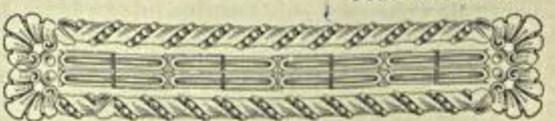
Estas duvidas em que n'este momento vive a politica portugueza, ternam difficil prever qual a evolução que se realisará, e apezar de terem surgido por ahi a lume varios conselheiros officiosos de El-Rei, não seremos nós que vamos augmentar o numero d'esses bons e ingenuos patriotas para quem a solução do problema se lhes afigura tão facil.

Vae longa a revista apenas na enumeração de factos, que não é outro o nosso proposito, mas não podemos deixar por ultimo de agradecer ao *Times* o bilhete de pezames que mandou a Portugal pela morte de El-Rei D. Luiz.

O bello *bife* lamuria que Portugal se tenha afastado da Inglaterra a quam deve tantos favores, e que esteja tão ciumento por ella fazer as suas conquistas em Africa, esperando que o novo monarcha lhe sera mais favoravel.

Estes favores dos inglezes tem muita graça e muito jus ao nosso reconhecimento e em nenhuma occasião seriam melhor allegados, e as conquistas da Inglaterra são soberbas muito especialmente referindo-se a Africa.

Pois não, caros *alliados*, vós tendes conquistado muito bem com o vosso commercio, e se a occasião fosse propria a retorquir em largo estendal, tinhamos por cá muito a voltar, mas por agora limitamo-nos a dizer: — cá recebemos e *muito obrigado*.

João Verdades

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Da Glottica em Portugal *Carta ao auctor do Diccionario Bibliographico Portuguez* por M. de Mello. Rio de Janeiro 1873-1889. Um volume de

343 pag. in-8.º Vem de longe a questão que suscitou este livro para que elle possa interessar n'este momento a polemica, o que entanto não destroe o seu valôr como um estudo importante sobre a glottica. Infelizmente o livro é postumo, porque o seu auctor já morreu e foi concluido, nas ultimas folhas, pelo sr. Francisco R. Paz a pedido do sr. Antonio de Mello irmão do auctor.

O auctor do *Diccionario Bibliographico*, a quem é dirigido tambem já não existe, e o sr. Adolpho Coelho, que provocou esta questão de linguistica de ha muito que perdeu a razão.

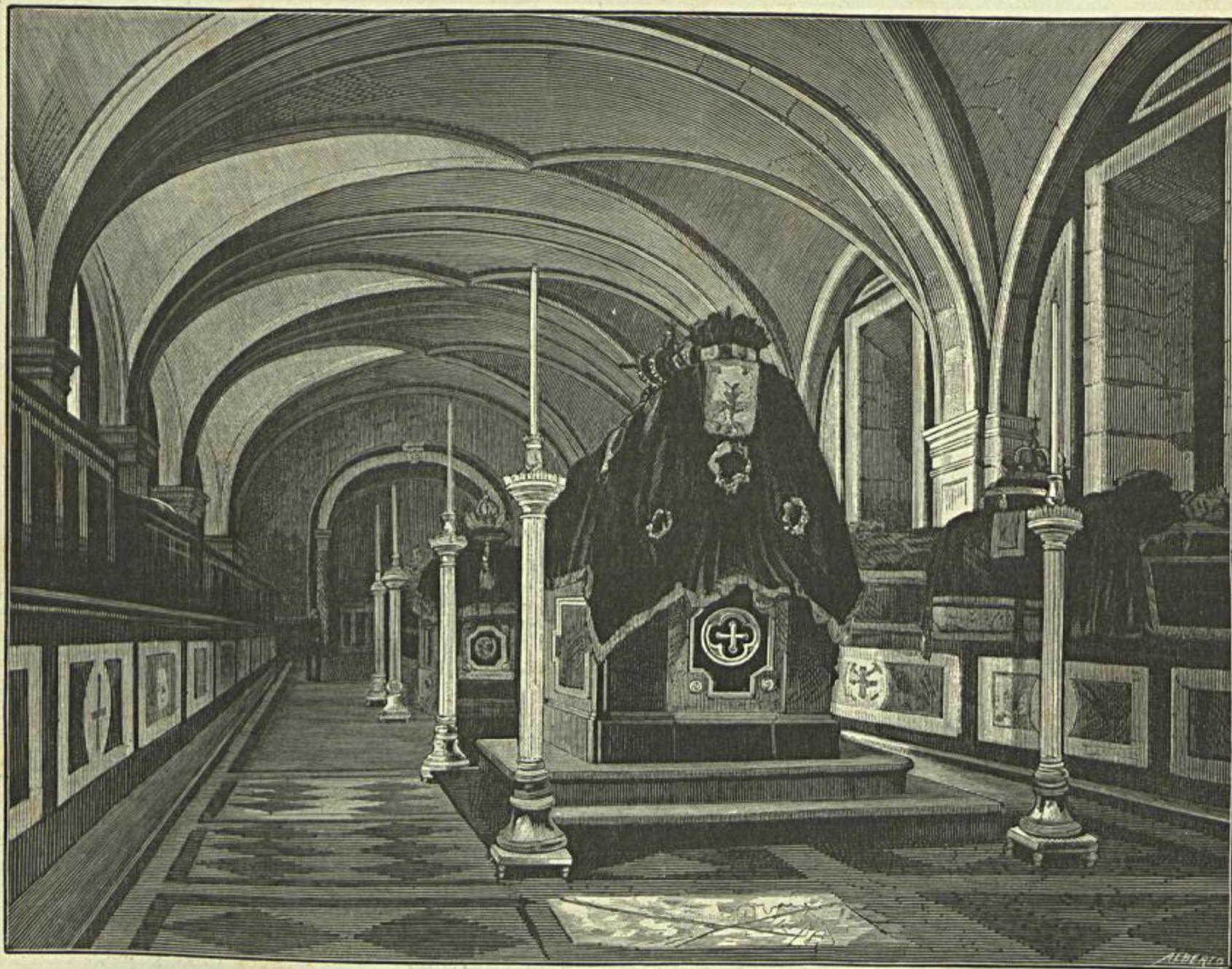
garisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana. Ponta Delgada, 1889. Decimo volume n.º LVIII, d'esta importante publicação.

Linda de Chamounix por Adolpho D'Ennery, traducção de Cunha e Sá, Companhia Nacional Editora, Lisboa. Fasciculo especimen com duas gravuras e um chromo. O thema d'este romance, é conhecido dos que tem visto a opera de aquelle titulo ou o drama denominado *A graça de Deus*, e agora foi amoldado as formas do romance moderno por D'Ennery, obtendo bom acolhimento em França, acolhimento que é de esperar alcance na edição portugueza.

AVISO

Com este n.º é destribuido um supplemento—RETRATO DE S. MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I—o qual é gratis para todos os srs. assignantes.

O preço d'este supplemento avulso é de 200 réis.

FUNERAL DE SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I

O PANTHEON REAL EM S. VICENTE DE FÓRA

O Museu Municipal do Porto *O seu estado presente e o seu futuro. Relatorio apresentado ao Ill.mo Ex.mo Sr. Luiz Ignacio Woodhouse presidente da commissão encarregada de estudar a reorganisação do museu pela sub-commissão, encarregada das secções de bellas artes, archeologica e numismatica*, por Joaquim de Vasconcellos, relator. Porto 1889. Os vastos conhecimentos do sr. Joaquim de Vasconcellos são segura garantia do seu trabalho n'este relatorio. A reforma apresentada attende a todas as necessidades a que deve satisfazer hoje um estabelecimento d'esta ordem, e oxalá se possa realisar em toda a sua extenção, porque assim terá a cidade do Porto um museu de verdadeiro estudo e instrucção.

Archivo dos Açores *publicação destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana.* (see above)

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa etc. 8.ª serie n.os 3, 4, 5 e 6, cujo summario é: O Congo, seu passado presente e futuro — communicação feita á Sociedade, na sessão de 7 de março de 1889 pelo padre Antonio José de Souza Barroso; Agricultura no districto de Benguella, por E. R. Vieira da Costa Botelho; contributions de la flor cryptogamique du nord du Portugal; O jornalismo em Macau, por Gabriel Fernandes; Guine portugueza—esboço cartographico; Outros documentos para a historia do jubileu nacional de 1880; actas das sessões de 1888 em janeiro, fevereiro, março abril, maio, junho, e outubro.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES

SUPPLEMENTO AO N.º 391 DO OCCIDENTE

1 DE NOVEMBRO DE 1889

Adolpho, Modesto & C.ª, Impressores—Lisboa.

SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I

COMPOSIÇÃO DE C. ALBERTO, SEGUNDO PHOTOGRAPHIA DE FILLON — GRAVURA DE D. NETTO.